



O ofício do historiador e sua contribuição para o uso turístico de fortificações

The historian's craft and its contribution for touristic use of fortifications

El oficio de historiador y su contribución al uso turístico de las fortificaciones

Valeria Lima Guimarães <valeria@turismo.uff.br >

Doutora em História Comparada pela UFRJ, historiadora e turismóloga. Professora do Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niteroi, RJ, Brasil.

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

GUIMARÃES, V. L. O ofício do historiador e sua contribuição para o uso turístico de fortificações. Caderno Virtual de Turismo. Edição especial: Turismo em fortificações. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.23-33, out. 2013.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: O objetivo principal do trabalho é discutir a relevância do historiador profissional para a composição do corpo técnico multidisciplinar voltado para os processos de refuncionalização do patrimônio das fortificações, particularmente para o uso turístico. Por meio da descrição e análise das mudanças de concepção, papel e perfis da História e do historiador na atualidade, cruzadas com as novas tendências do turismo cultural, concluímos que se trata de um profissional indispensável para a concepção e desenvolvimento do turismo nesses sítios, e que sua contribuição vai muito além da divulgação de dados e fatos a respeito do passado das fortificações.

Palavras-chave: Historiador; Fortificações; Turismo.

Abstract: The main objective of this paper is to discuss the relevance of professional historians as regular members of the multidisciplinary technical staff for the refunctionalisation process of fortifications heritage, particularly for the touristic use. Through description and analysis of changes in formation, role and fields of history and the historian work today, crossed with the new trends of cultural tourism, the conclusion is that this professional is essential to the organization and development of tourism in these sites, and that their contribution goes far beyond the survey and dissemination of data and facts about the past of the fortifications.

Keywords: Historian; Fortifications; Tourism..

Resumen: El objetivo de esta investigación ha sido discutir la relevancia del historiador con equipos multidisciplinarios dedicados a los procesos de adaptación del patrimonio de las fortificaciones, en particular para uso turístico. A través de la descripción y análisis de los cambios en el diseño, en el papel y en el perfil de la historia y del historiador de hoy, cruzadas con las nuevas tendencias del turismo cultural, se concluye que es un profesional esencial para la planificación y el desarrollo del turismo en estos sitios, y que su contribución va mucho más allá de la difusión de datos y hechos sobre el pasado de las fortificaciones.

Palavras clave: Historiador; Fortificaciones; Turismo.

Introdução

Este artigo foi inspirado numa das questões mais discutidas durante os trabalhos realizados no 8º Seminário de Cidades Fortificadas e 3º Encontro Técnico de Gestores de Fortificações, ocorrido em outubro de 2012, no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro. Pela voz de diversos profissionais técnicos e estudiosos das fortificações do Brasil, da América Latina e da Europa, reunidos na ocasião, foi reiteradamente afirmada a importância da formação de equipes multidisciplinares para pensar a refuncionalização, a gestão e a preservação das fortificações nacionais, esse valioso patrimônio histórico-cultural que nos foi legado.¹

O imenso território brasileiro desde os primórdios da colonização no século XVI foi dotado de fortificações no litoral e também no seu interior, baseadas numa tradição e num saber militar portugueses de edificar os muros de defesa de seu próprio território e de suas possessões. Seguramente o Brasil é um dos países que mais possui fortificações em todo o mundo, distribuídas de Norte a Sul do seu território. Destaca-se o estado do Rio de Janeiro, o principal centro do poder até a primeira metade do século XX, onde foram edificadas mais de 100 fortificações permanentes.

Várias fortificações brasileiras já desapareceram por completo, como é o caso dos Fortes de São Francisco, São Luiz, Lagoa e São João, todos em Santa Catarina, e do Forte do Campinho, no Rio de Janeiro. Outras fortificações, como vem sendo sistematicamente denunciado junto aos órgãos de preservação do patrimônio, nas redes sociais e nos mais diversos canais por amplos setores da sociedade civil, encontram-se em completo estado de abandono, em ruínas, ameaçadas de desaparecerem num futuro não muito distante.

São múltiplas as razões para o abandono do patrimônio edificado das fortificações brasileiras. Como analisou Roberto Toner (2009), estas vão desde a perda da função desse tipo de sistema defensivo, obsoleto diante das novas tecnologias bélicas, até a indiferença da sociedade brasileira, durante longos anos, em relação à importância desse patrimônio histórico-cultural e também ambiental. O descaso se manifestou inclusive em relação àquelas unidades que receberam o status de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Muito recentes são as iniciativas dos órgãos competentes de revitalização das fortificações e são mais recentes ainda os movimentos que se formam em defesa da preservação e da revalorização desses bens. Essa nova relação social com o patrimônio supera uma visão tradicional do bem patrimonializado como um monumento a ser contemplado, um símbolo do poder – e de distanciamento – de um determinado grupo ou instituição sobre o grande conjunto da população. Fortificações militares não são mais vistas como monumentos que se impõem à paisagem e ao conjunto da população, permanente ou flutuante, mas como novos espaços de sociabilidades cidadinas.

No século XXI, o patrimônio histórico-cultural das fortificações, antes velho e obsoleto, vem adquirindo novo significado e valor, acompanhando o circuito das novas formas de mercantilização dos bens culturais, inventadas pelo capitalismo tardio. Ao mesmo tempo, novas relações e usos

¹ Utilizaremos aqui o termo genérico “fortificações” para designar o conjunto de obras de defesa militar. Conforme a obra clássica do coronel Annibal Barreto, republicada recentemente pelo Exército Brasileiro (2011), as fortificações podem ser passageiras (relativas a alguma tática de campanha, feita de surpresa) ou permanentes. As fortificações permanentes recebem diferentes denominações, utilizando-se como critério o conjunto de edificações num mesmo local, o tipo de armamento disponível, a área ocupada, dentre outros. Praça-forte ou de guerra, fortaleza, forte, fortim, reduto, redente, bateria, hornavaque, castelo, casa-forte e porta são as denominações conhecidas, apresentadas numa espécie de glossário elaborado pelo autor.

sociais envolvem esses bens, que passam a ser ressignificados dentro da cidade, produzindo novos sentidos e laços identitários para os que nela transitam temporariamente ou vivem, isto é, para os que nela e com ela promovem interrelações. É o que assinala Roberto Bartholo (2010), inspirando-se nas noções de sítios simbólicos de pertencimento e de nova economia das iniciativas locais, desenvolvidas pelo economista marroquino Hassan Zauoal.

Nessa perspectiva, pensando nos processos contemporâneos que envolvem a refuncionalização das fortificações, especialmente a sua potencialidade para o uso turístico e para o lazer, e, dentro de uma visão que reconhece a importância de um corpo técnico multidisciplinar na concepção e desenvolvimento de um turismo qualificado nesses sítios, colocamo-nos o desafio de refletir sobre as possíveis contribuições do profissional de História, aludindo para as transformações na sua formação e para a suas diferentes formas de atuação nos dias de hoje.

História e historiadores: novos perfis na atualidade

A um pensamento lapidar do historiador belga Henri Pirenne (1862-1935) traduz a relação dos profissionais da história com o tempo: “Se fosse um antiquário, só teria olhos para coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que eu amo a vida”. É de olho no presente, nas inquietações atuais, que são lançadas as lentes do historiador sobre as ações, os modos de ser e de viver de homens e mulheres do passado.

Foi-se o tempo clássico, de Cícero, em que a História era vista como *magistra vitae*, mestra da vida, a dar lições pedagógicas sobre o passado por meio dos seus sábios guardiões a fim de conduzir a vida humana no presente, evitando a repetição de erros e orientando um futuro de retidão. Para trás também ficaram as concepções de História como uma ciência dedicada à narrativa fiel dos acontecimentos que se sucederam no tempo e que revelava as fases evolutivas da humanidade em direção a um progresso inexorável.

De uma história factual, narrativa e descritiva, a ciência histórica incorporou a preocupação com o estabelecimento de séries, relações e comparações, superando a perspectiva de uma cronologia linear de fatos (eminentemente políticos) e deixando para trás a obstinação com as origens dos acontecimentos. Transformou-se numa história-problema, com um forte viés interdisciplinar (e aqui se faz justiça às contribuições de Marc Bloch e da Escola dos Annales, destacando-se também a importância da Escola de Frankfurt e dos movimentos intelectuais como o marxismo, o estruturalismo e o pós-estruturalismo).

A simples narração dos fatos deu lugar ao paradigma da abordagem crítica e analítica, inquirindo-se até as próprias fontes documentais, antes concebidas como provas de uma suposta verdade histórica, única e irrefutável. Hoje, como aponta o historiador Reinhart Koselleck (2006), é possível questionar até mesmo a noção de tempo histórico.

A concepção atual do que é a História e de qual o ofício do historiador já não mais valoriza a produção de pesquisas historiográficas monumentais, extensas e dotadas de grande erudição, que procuravam explicar a totalidade dos fenômenos no percurso do tempo, demandando uma vida inteira de dedicação à pesquisa de gabinete. A visão do conhecido historiador Jurandir Malerba (2012) é bastante lúcida a esse respeito: “foi-se o tempo de Ranke, Braudel, Sérgio Buarque, de teses como O

Mediterrâneo e Visões do Paraíso. É hora e vez de repensarmos nossa missão no cenário brasileiro”². Nesses termos, cabe perguntar: qual é o papel do profissional de História no Brasil de hoje e como ele pode contribuir para o desenvolvimento do turismo brasileiro?

Como um produto do seu tempo, isto é com inquietações próprias do contexto, da formação técnica e do lugar social em que se insere, o historiador do século XXI depara-se com novas demandas sociais que influenciam diretamente no seu modo de pensar e operar a História. Influenciam também na sua própria formação profissional. Alargaram-se as suas perspectivas de trabalho, da mesma forma em que a sua atuação na pesquisa acadêmica e no próprio ensino do saber histórico em sala de aula foram modificadas.

Em função da dinâmica global favorecida pelo avanço das novas tecnologias da informação a serviço do “historiador da Era Google” (LUCCHESI, 2012) e com as novas demandas do mercado, o exercício da profissão de historiador vem se transformando e assumindo múltiplas apresentações. Além das funções clássicas de ensino no magistério básico e superior e da pesquisa acadêmica, a História em nossos dias possui muitas outras aplicações, em diálogo com diversas áreas de conhecimento, o que vem abrindo novos espaços para esse profissional nas instituições públicas e privadas e nas organizações não-governamentais.

Sua atuação estende-se, por exemplo, a instituições voltadas para a preservação do patrimônio; ao serviço de documentação e informação histórica de várias organizações, atuando na pesquisa da produção e preservação da memória institucional, inclusive de empresas; aos arquivos, atuando não só na pesquisa, como também na gestão documental e no atendimento aos consulentes; ocupando importantes espaços no mercado editorial e na gestão de bens culturais; trabalhando no desenvolvimento de projetos culturais comunitários; na pesquisa histórica de conteúdo profissional para sítios da internet, para veículos de imprensa, para produções culturais diversas, incluindo a curadoria de exposições, a produção de arte, a elaboração de roteiros ou pesquisa de conteúdo de filmes, peças teatrais, publicidade, novelas e seriados, entre outros.

Novos temas contemporâneos começam a alimentar a imaginação do historiador, como meio ambiente, mobilidade urbana, festas, eventos, esportes, lazer, moda e também o turismo. Esse último foi uma descoberta muito recente dos profissionais de História (e referimo-nos aos bacharéis e aos licenciados), tanto do ponto de vista da pesquisa acadêmica, transformando-o em objeto de investigação científica, quanto do ponto de vista da docência (da educação básica à pós-graduação) e quanto à prestação de serviços no setor turístico³.

O turismo por muito tempo foi visto pelos historiadores de uma maneira geral como uma atividade frívola, fofa (WALTON, 2009). Muito estudou-se o trabalho, tema nobre na historiografia, mas o seu contraponto, o não-trabalho, o tempo de ócio, de lazer e de turismo, só a partir da década de 2000 é que passou a atrair mais sistematicamente o interesse desses pesquisadores (GUIMARÃES, 2012).

A história do turismo, um dos temas emergentes na atualidade, começa a ser escrita pelos historiadores profissionais com um olhar atento à dimensão e complexidade desse fenômeno extra-

2 MALERBA, Jurandir. Ser historiador no Brasil do século XXI. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/page/artigo-ser-historiador-no-brasil-do-seculo-xxi>>. Data de acesso: 3 de novembro de 2012.

3 Cabe aqui reforçar que a relevância dada ao trabalho do historiador neste artigo, destacando as suas novas áreas de atuação e os novos temas de pesquisa, não deve ser confundida com qualquer espécie de corporativismo. Ao contrário, reconhece-se a importância dos profissionais das mais diversas áreas de conhecimento que atuam nesses mesmos setores e ocupam-se dos mesmos objetos de pesquisa, valorizando-se, assim, o diálogo entre os profissionais e seus saberes.

ordinário de nosso tempo, que envolve uma multiplicidades de teias. O crescimento do fenômeno turístico em nosso país na atualidade é que vem aguçando a curiosidade dos pesquisadores sobre as primeiras manifestações e o desenvolvimento da atividade turística – e de sua memória – no Brasil, resultando na produção de monografias, dissertações e teses acadêmicas que enfocam o passado do turismo numa perspectiva crítica e analítica.

Em acréscimo, os profissionais de História encontraram no turismo uma forma moderna e diferente de aplicar seus conhecimentos sobre os sítios rurais e urbanos, patrimonializados e convertidos em atrativos turísticos, muitos deles de interesse histórico-cultural. São múltiplas as formas de relação entre o saber histórico e o turismo. Do turismo como recurso cada vez mais utilizado pelos profissionais do magistério para a experiência dos conteúdos da disciplina in loco à presença ativa nos equipamentos e atrativos turísticos, atuando profissionalmente como intérpretes do patrimônio turístico (saraus, visitas mediadas e outros) e de acervos de museus, espaços culturais diversos, estádios de futebol e seus centros de memória, por exemplo, ampliam-se consideravelmente as possibilidades de atuação desse profissional nos novos – e antigos – lugares patrimonializados e turistificados.

Agências e operadoras de turismo já reconheceram a importância do pesquisador e/ou professor de História profissional na elaboração de roteiros históricos visando a um público segmentado, com interesse no aprofundamento do conhecimento de destinos e atrativos de valor histórico-cultural. Da mesma forma, em algumas regiões brasileiras o chamado trade turístico e o poder público têm buscado nesse profissional a atuação qualificada na idealização e pesquisa para a formatação de novas rotas, roteiros e circuitos turísticos, aproveitando o grande potencial do país para o fomento de produtos turísticos de interesse histórico-cultural, a exemplo dos Caminhos Históricos Fluminenses (Caminho do ouro, Caminho do Café, Caminho da Cana-de-açúcar e Caminho do Sal), da Estrada Real, na sua porção mineira, e da Rota dos Tropeiros, no território paranaense, para citar alguns casos.

Além disso, não são poucos os bacharéis ou licenciados em História que, depois de graduados (e até mesmo muitos anos após atuarem nas funções tradicionais de ensino e pesquisa pura) têm buscado uma segunda formação na área de turismo, seja em nível de graduação ou de pós-graduação. Um outro caminho que tem se mostrado bastante atraente é o da capacitação profissional como guia de turismo (qualificação de nível médio). Reunindo os seus conhecimentos acadêmicos com os técnico-operacionais para o guiamento de turistas, esse profissional tende a se diferenciar pela sua especialização no guiamento em atrativos histórico-culturais.

A recém-criada oferta de mestrados profissionalizantes em História, a composição de seu currículo e os temas enfocados nos trabalhos de conclusão de curso são indicadores da preocupação com a formação para a atuação do historiador no novo mercado de bens culturais que se forma no Brasil, incluindo o mercado turístico. Ressalta-se ainda que alguns cursos de graduação em História começaram a inserir nas suas grades curriculares disciplinas optativas relacionadas ao empreendedorismo, visando à capacitação dos historiadores nos negócios, inclusive no negócio turístico.

A esse respeito, vale destacar o crescimento nas principais cidades brasileiras de pequenos empreendimentos turísticos, fundados e geridos por historiadores de formação que atuam no segmento do turismo histórico-cultural. São agências especializadas em “tour histórico” que têm entre seus clientes escolas, turistas domésticos e internacionais e também os moradores dessas cidades, que, com o olhar de turistas em sua própria cidade, buscam cada vez mais experiências novas e contemplativas no seu lugar habitual ou, conforme o historiador Michel de Certeau (1994), novos modos de apropriação e desejos sobre a cidade.

Não se pode deixar de ressaltar ainda a relevância da História como uma disciplina escolar de fundamental importância para a formação global dos cidadãos, ampliando a sua visão de mundo e a compreensão das suas responsabilidades enquanto cidadão turista e enquanto anfitrião. Nem se pode esquecer a influência (e a parceria necessária) dos profissionais de História que atuam nos diferentes espaços sociais, externos aos sítios turísticos, no despertar do interesse dos turistas pelas fortificações e seu patrimônio.

As mudanças contemporâneas que criaram as condições para uma nova concepção de História e de formação e atuação dos historiadores possibilitaram, portanto, uma nova aproximação da disciplina com o fenômeno turístico, enquanto uma atividade e um saber, nos movendo à reflexão sobre o papel desse profissional no processo de turistificação das fortificações brasileiras.

O uso turístico das fortificações e a atuação do profissional de história

Como já apontado antes, é superado o paradigma do historiador como um compilador de dados e fatos do passado, reunidos em enciclopédicos volumes com status de verdade científica. Também já não se advoga mais uma ciência histórica eminentemente política, conservadora e homogeneizante que legitimava a ação dos mais fortes e ocultava os conflitos e a multiplicidade de interesses e disputas sociais. Esse paradigma romântico afinou-se a um tempo em que estavam por ser validadas as instituições modernas que conformavam as ideologias nacionalistas, particularmente ao longo do século XIX.

Na tradição historiográfica militar, entretanto – e aqui não percamos de vista a relação entre as fortificações e as forças armadas, ou seja, o lugar social de onde partem os discursos históricos sobre o passado desses bens culturais – essa concepção conservadora da história postergou-se por mais tempo.

Em se tratando do uso turístico de fortificações, cuja função original era a defesa do território e são estas indissociáveis do patrimônio militar, é preciso que o historiador se cerque de cuidados para não reproduzir as tradicionais abordagens factuais que dão acentuada ênfase nos grandes feitos das instituições militares em seu papel na construção da Nação, destacando tão somente os seus heróis e suas efemérides. Isto é, o historiador que se coloca a serviço da compreensão do passado das fortificações não deve se ater a um discurso estritamente institucional, caindo na sedutora armadilha de reforçar ideologicamente as forças militares e seus símbolos e dar voz unicamente aos heróis, às batalhas e às vitórias sobre o inimigo presumidamente interessado em invadir, conquistar e povoar nossos territórios.

Embora legítima e importante, trata-se de mais uma das possíveis formas de ver a história das fortificações, devendo ser respeitada e principalmente ser reconhecido o seu lugar de produção. Mas a abertura das fortificações à função turística requer do profissional de História uma outra contribuição, abordando novos temas que vão além da proteção e da defesa, da guerra e das batalhas.

Ressalta-se também que o campo de estudos que se configurou em torno da História Militar vem passando por uma renovação sistemática, transcendendo ao próprio universo das instituições militares e alargando o campo de análise do historiador a partir do uso de novas tecnologias e a abordagem de novos temas. Conforme Parente (2009), o tema da guerra não é mais o único aspecto a ser

investigado pela História Militar nem a apologia militar ou a produção de uma história valorativa é a sua natureza, mas sim uma das suas manifestações metodológicas e historiográficas. A formação de uma mentalidade militar, os rituais da caserna, os cantos militares, as tecnologias, a memória nacional, as comemorações, dentre outras, se apresentam como novas possibilidades de investigação.

É preciso ainda desenvolver novos estudos e elaborar narrativas outras que incluam as vozes de diferentes atores sociais do passado e do presente – o público interessado e sua relação com as fortificações – nesses símbolos de poder militar e ao mesmo tempo lugares de memória⁴, agora patrimonializados e turistificados.

Recontar a importância militar e política das fortificações, valorizar o seu patrimônio edificado ou o que restou dele, mas também elaborar perguntas e narrativas sobre os vencidos, os não-ditos, interrogar os silêncios historiográficos e fazer emergir novos sujeitos históricos, a memória social e coletiva, as lembranças e os esquecimentos. Como exemplo, trazer à baila a memória daqueles que viveram nas proximidades das fortificações, dos que trabalharam ou mesmo ficaram detidos nesses lugares, os medos, os silêncios, as memórias ainda não reveladas de episódios vividos no interior dessas construções, especialmente durante os regimes autoritários que se instalaram em nosso país na maior parte do século XX, entre outros assuntos.

Essas histórias também configuram um patrimônio valioso e um capítulo que não poderia ser desprezado no processo de refuncionalização das fortificações. Ferramentas técnicas e metodológicas próprias do saber do historiador, como a história oral, são úteis no trabalho de registro das múltiplas memórias sobre as fortificações, que vão além do aspecto militar e incluem as relações e as vivências novas e passadas da sociedade civil com esses lugares.

A interpretação do patrimônio das fortificações, abrangendo os seus aspectos materiais, imateriais e ambientais, é mais uma possível contribuição do professor e/ou do pesquisador profissional de História e capacitado nessa técnica. Esse serviço tem uma importância fundamental para o desenvolvimento do turismo na medida em que permite a melhor comunicação com o público visitante, facilitando a sua compreensão sobre a importância social do patrimônio e a sua sensibilização em torno da conservação dos bens visitados (MURTA e ALBANO, 2002).

A interpretação do patrimônio traduz-se na capacidade de tornar mais atraente e mais interessante o patrimônio aos olhos do turista, ao mesmo tempo em que promove a prestação de um serviço de utilidade pública, com o conteúdo preservacionista subjacente ao trabalho. Comunicar de uma maneira menos acadêmica e formal os conhecimentos sobre um lugar, interagindo com o visitante é o seu grande desafio. A utilização de uma linguagem acessível e envolvente, a exploração da capacidade imaginativa e da experiência sensorial, a mediação com os visitantes, o uso de recursos humorísticos, áudiovisuais ou performativos, de jogos educativos, de simulações de aventuras e expedições, entre outros possíveis, são grandes aliados no processo interpretativo do patrimônio das fortificações, para o qual são imprescindíveis as informações históricas.

Imaginem o quão fascinante seria a experiência da visita a uma fortificação onde os conhecimentos históricos sobre o lugar e sobre a inserção do visitante nesse lugar fossem construídos junto com eles por meio das técnicas de interpretação patrimonial. Agora projetem a aplicação dessas ideias a turistas hipotéticos: estudantes de uma determinada faixa etária, grupos de visitantes heterogêneos, grupos de terceira idade, turistas individuais, entre outros. A cada nova visita à fortificação, um novo

⁴ Como também o são os campos de batalha, os monumentos, mausoléus e museus militares.

repertório, uma ideia diferente de fruição desse lugar turístico num tempo que é de lazer, onde a História é uma aliada.

Esse recurso da interpretação é bastante conveniente para um bom acolhimento do visitante, já que as placas de informação escrita nem sempre são lidas ou sequer percebidas, como demonstraram alguns estudos a respeito⁵. Elas, portanto, não se bastam. Também se mostram pouco eficientes e atraentes as visitas monitoradas no atrativo onde o profissional reproduz exaustivamente dados e fatos históricos, tornando muitas vezes a experiência pouco proveitosa ou mesmo enfadonha.

O trabalho do historiador também é relevante na contextualização da unidade, a fortificação, em relação à cidade, às outras fortificações (inclusive daquelas já desaparecidas), às conjunturas nacionais e internacionais. A elaboração de roteiros ou circuitos tematizando as fortificações é outra atividade que não pode prescindir do conhecimento histórico profissional.

Enfim, são muitas as possibilidades a serem consideradas na aplicação desse conhecimento de forma qualificada, inovadora e criativa, superando as antigas formas de apresentação dos conteúdos históricos nos atrativos turísticos, que em muitos casos ainda remontam aos velhos e superados paradigmas historiográficos de mais de um século atrás.

Considerações finais

Toda a reflexão específica sobre as possibilidades de contribuição do profissional de História no uso turístico das fortificações, desenvolvida ao longo deste artigo, orientou-se pela consciência da importância da sua atuação e colaboração junto a um corpo técnico multidisciplinar, formado por profissionais das mais diversas qualificações, inclusive pelos profissionais de turismo.

Muito longe de qualquer tipo de corporativismo (seja do monopólio do conhecimento da História ou da preservação da memória e do patrimônio pelo historiador, seja de reserva de mercado) e bem longe também da compartimentalização desse tipo de conhecimento, a análise mais acurada sobre o ofício do pesquisador e do professor de História aqui realizada buscou oferecer subsídios a respeito dos novos papéis sociais desse profissional na atualidade. Procurou também chamar a atenção para a incorporação de novas tendências, metodologias e demandas na sua formação e no seu ofício profissional, destacando-se a sua forte inclinação para a atuação no mercado de bens culturais, notadamente no turismo.

A presente análise levou em conta ainda as mudanças na relação das fortificações com a sociedade no mundo global. Novos usos e significados para além da função militar dessas edificações nos remetem a uma reflexão mais ampla sobre as novas práticas urbanas, o reposicionamento das cidades na nova dinâmica do mundo e sobre o papel do patrimônio e do turismo no desenvolvimento local. Articular a potencialidade turística do patrimônio das fortificações com os novos interesses dos diferentes grupos sociais na atualidade é o grande desafio de todos os agentes envolvidos no processo de turistificação desses lugares: dos corpos técnicos multidisciplinares, da comunidade local, do poder público, do trade turístico, do turista.

⁵ Sobre o assunto, ver MORAES, C. C. A., TRENTIN, F. e MONTEZ, I. B. Interpretação ambiental nos Caminhos Geológicos do Rio de Janeiro/Brasil. In: WADA, E. W. e ANJOS, F. A. dos (orgs.). Anais do IX Seminário da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR). São Paulo: ALEPH, 2012. Disponível em: < <http://anptur.org.br/anais/seminario2012/> >. Data de acesso: 9 de dezembro de 2012.

Nesse contexto, a contribuição do profissional de História na refuncionalização das fortificações, um patrimônio de clara importância histórica e cultural, particularmente para o uso turístico e para o lazer, torna-se bastante relevante. Da realização de pesquisas históricas integradas ao trabalho de outros profissionais, como arqueólogos, museólogos, geógrafos, turismólogos, ambientalistas e gestores, só para citar alguns, à moderna comunicação com o visitante por meio das ferramentas de interpretação patrimonial, há um diversificado leque de possibilidades de atuação do historiador, contribuindo para um aproveitamento qualificado do potencial turístico das fortificações.

Deve-se sublinhar também a sua contribuição fora desses sítios, nos mais diversos espaços sociais que ocupa, da sala de aula e dos livros e artigos publicados (seus tradicionais lugares de atuação), à produção cultural e às agências de turismo, todas elas, sem dúvida, relevantes para o sucesso das fortificações como lugares de turismo e para o desenvolvimento das localidades envolvidas.

Referências bibliográficas

BARRETO, A. Fortificações do Brasil. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2011.

BARTHOLO, R. (Coord.). Olhares multidisciplinares sobre turismo e desenvolvimento social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Programa de Engenharia de Produção; Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social, 2010 (material didático).

DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano 1: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

GUIMARÃES, V. L. Estado da Arte da produção científica em História do Turismo no Brasil. In: Anais do 5º Congresso Latino-Americano de Investigação Turística. São Paulo: CLAIT, 2012 (CD-ROM).

KOSELLECK, R. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LUCCHESI, A. A história sem fio. Questões para o historiador da Era Google. In: Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RJ. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2012. Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338518449_ARQUIVO_Ahistoriasemfio-AnpuhRJ-Textocompleto-AnitaLucchesi-31.05.12final.pdf>. Data de acesso: 12 de dezembro de 2012.

MALERBA, J. Ser historiador no Brasil do século XXI. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/page/artigo-ser-historiador-no-brasil-do-seculo-xxi>>. Data de acesso: 3 de novembro de 2012.

MORAES, C. C. A., TRENTIN, F. e MONTEZ, I. B. Interpretação ambiental nos Caminhos Geológicos do Rio de Janeiro/Brasil. In: WADA, E. W. e ANJOS, F. A. dos (orgs.). Anais do IX Seminário da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR). São Paulo: ALEPH, 2012. Disponível em: <<http://anptur.org.br/anais/seminario2012/>>. Data de acesso: 9 de dezembro de 2012.

MURTA, S. M. e ALBANO, C. (orgs.). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG/Território Brasilis, 2002.

PARENTE, P. A. L. A construção de uma nova História Militar. Revista Brasileira de História Militar. Edição especial de lançamento, dez. 2009.

TONERA, R. O sistema defensivo da Ilha de Santa Catarina – Brasil: criação, abandono e recuperação. In: Fortalezas.org. Disponível em: <http://fortalezas.org/?ct=artigo&id_artigo=101>. Data de acesso: 4 de dezembro de 2012.

WALTON, J. Welcome to the Journal of Tourism History. In: Journal of Tourism History, 1:1, p. 1-6, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/17551820902739034>>. Data de acesso: 13 de outubro de 2012.